

2018/04/10

## O encontro Trump- Kim Jong Un

*Alexandre Reis Rodrigues*

Trump aceitou de imediato a proposta de um encontro com Kim Jong Un, vinda por intermédio da Coreia do Sul e que consta ir realizar-se em maio (junho?), em lugar a determinar (Finlândia? Ulaanbaatar, capital da Mongólia?). Se vai ou não acontecer é matéria de dúvida para muitos observadores. Os dois Países sempre se mostraram disponíveis para um encontro ao mais alto nível, mas, discordando sobre os termos em que se deveria realizar, nunca conseguiram passar do patamar das intenções.



Será diferente desta vez? Alguns dirão que com Trump é tudo diferente e, talvez por isso, irá haver encontro, mas não faltarão conselheiros próximos a advogar a linha tradicional de exigir condições para que a cimeira se realize. Terão, certamente, uma tarefa difícil. Trump tinha dito anteriormente que se sentiria honrado com esse encontro, ainda que no meio de ameaças de “arrasar” a Coreia do Norte se os ensaios nucleares e de mísseis balísticos continuassem.

Trump está convencido de que a sua capacidade de fazer diferente dos seus antecessores o vai ajudar a ter sucesso. Não será o primeiro a ter essa ambição nem o primeiro a enganar-se. Esquece que o desfecho não depende da sua personalidade nem da sua habilidade em negociar. Depende, única e exclusivamente, das concessões que fizer. Veremos como se integra neste processo John Bolton, o seu novo conselheiro de segurança, conhecido por defender um ataque preventivo e recusar liminarmente qualquer concessão.<sup>1</sup>

O empreendimento é de elevado risco. Se falha, ou não produz qualquer desenvolvimento útil, deixa os EUA sem saídas políticas para continuar a exigir o desmantelamento do arsenal nuclear norte coreano. Deixa também a Coreia do Sul, que foi o artífice da cimeira, numa situação muito delicada por ter passado a ideia de que um entendimento era possível e dessa forma ter encaminhado os EUA para uma situação que já deu ao presidente norte coreano uma primeira grande vitória. Conseguir apresentar-se para o encontro com o presidente americano, como líder de uma potência nuclear.

Kim Jong Un diz que não vê razões para manter o arsenal nuclear se as ameaças militares ao seu País desaparecerem e se a segurança do regime ficar garantida.<sup>2</sup> Soa, aparentemente numa primeira leitura, diferente do discurso habitual e parece incluir abertura para um novo relacionamento. No entanto, está apenas a exigir o que o regime sempre reclamou. O fim do que consideram ser uma postura hostil dos EUA. O que é exatamente isto para a Coreia do Norte?

<sup>1</sup> «US should consider a first strike on North Korea and offer no concessions».

<sup>2</sup> «There is no reason to possess nuclear weapons as long as military threats to the north are eliminated and the regime's security is guaranteed» (Kim Jong Un)

Para muitos observadores especialistas da região, o tema da desnuclearização da península coreana não estará em cima da mesa, embora o líder coreano tenha dito que é um assunto que pode ficar resolvido.<sup>3</sup> Ninguém espera, malgrado o que Kim Jong Un diz, que a Coreia do Norte venha algum dia, ou pelo menos no futuro à vista, a desistir do seu estatuto de potência nuclear. A ser assim, os EUA, ao aceitarem o encontro, terão o primeiro grande revés de se verem obrigados a deixar cair a exigência de um *“complete, verifiable, irreversible dismantlement of the North Korean nuclear capabilities”*.

O fim da postura hostil, como reclamada pela Coreia, não passa, certamente, pela assinatura de acordos. Implicará, previsivelmente, várias exigências a materializarem-se em atos muito concretos. Os seguintes, por exemplo: a retirada da presença militar americana na península coreana; o fim dos compromissos de defesa dos EUA com os seus aliados na região (Japão, logo em primeiro lugar), nomeadamente a garantia de manutenção de um “guarda-chuva” nuclear; o fim dos exercícios militares com a Coreia do Sul (*“Foul Eagle Exercises”*) que começarão este mês, mas com uma dimensão adaptada ao clima de preparação do encontro (cerca de metade da dimensão habitual). Tudo exigências que servem perfeitamente as ambições da China e que, seguramente, foram discutidas durante a recente visita de Kim Jong Un a Pequim, para um encontro com o Presidente Xi.

Que se pode, então, esperar? Certamente, nada próximo do que cada parte pretende alcançar. Talvez, quando muito, uma moratória sobre os testes nucleares e de mísseis balísticos por troca com uma redução das atividades militares americanas na região.<sup>4</sup> Ou seja, apenas um passo num caminho que será longo e sinuoso, sob a forma de um “jogo” pensado, pelo lado chinês e norte coreano, para preservar o interesse mútuo de cooperação estratégica, afastar da região os EUA e deixar Pequim de novo com um papel central em negociações futuras.

Este desfecho porá fim às esperanças – muito referidas por Trump durante a sua campanha eleitoral - de que a continuação dos embaraços por que a Coreia do Norte tem feito passar a China, com impacto negativo direto no seu relacionamento bilateral, iria ajudar os EUA a resolver a situação. Não é isso que vai acontecer. Os EUA terão que se manter preparados para um acordo abaixo das suas expectativas, como alternativa a terem que recorrer a um ataque cirúrgico às instalações nucleares da Coreia do Norte.

---

<sup>3</sup> «*The issue of denuclearization of the Korean peninsula can be resolved*» (Kim Jong Un)

<sup>4</sup> Se chegar a haver um encontro.